

Aumentam as pressões por reajustes

Apesar de todo o otimismo demonstrado pelo governo com relação à inflação — segundo o secretário especial de Abastecimento e Preços, Edgar de Abreu Cardoso, é possível manter os índices entre os 25% e 27% nos próximos meses —, a pressão dos preços parece indicar o contrário. Fabricantes de autopeças e veículos e produtores de fermento e açúcar, entre outros, alegam defasagem e prevêem desabastecimento, ao lado do próprio governo, que utiliza o mesmo argumento para reajustar os preços dos combustíveis e as tarifas de energia elétrica.

As indústrias de autopeças querem reajustar seus preços, e alegam uma defasagem de 55%. Com isso, o fornecimento às montadoras começa a ficar comprometido. A informação não foi confirmada pelo Sindicato dos Fabricantes de Autopeças (Sindipecas), mas a General Motors já acusa alguns problemas para a obtenção de componentes. A Autolatina informou que ainda não está tendo dificuldades com o fornecimento de autopeças.

Ao mesmo tempo em que o suprimento de componentes afeta a indústria automobilística, especula-se que o setor, pressionado pelo aumento de vários itens necessários à fabricação dos automóveis, vai reivindicar um reajuste de 42% ao CIP. Duas fontes da indústria revelaram esse percentual, enquanto uma terceira arriscou 45%. Como justificativa, não apenas a pressão exercida pelas autopeças, mas também aumentos já concedidos e não repassados do aço (39%) e de derivados da indústria petroquímica, especialmente o plástico (45%).

O pão, ameaçado.

A Fleischmann e Royal, o maior fabricante de fermento do País, paralisou a produção em duas de suas três unidades fabris,

alegando uma defasagem de 125% nos preços. Ontem o secretário Edgar de Abreu prometeu estudar o reajuste dos preços do produto, para não comprometer o abastecimento de pão. Segundo o vice-presidente da empresa, Newton Gurgel, a paralisação iniciada quinta-feira passada foi motivada pela falta de fluxo de caixa para a compra de matéria-prima.

A ameaça de paralisação também ronda o setor do açúcar e do álcool. Segundo os produtores, o reajuste de 37,89% em vigor desde ontem para a cana, o açúcar e o álcool hidratado ainda não é suficiente. “É mais vantagem para o produtor deixar a cana na lavoura que pagar para entregá-la à usina”, diz Junqueira Franco, ex-presidente da Sociedade dos Produtores de Alcool (Sopral). A falta de açúcar cristalizado já atinge até a região de Ribeirão Preto, responsável por 1/5 da produção nacional.

Já o ministro das Minas e Energia, Vicente Fialho, afirmou que o governo continuará com os freqüentes aumentos dos derivados de petróleo até recuperar a defasagem de preços desses produtos, acumulada ao longo dos últimos anos. Segundo Fialho, as tarifas de energia elétrica seguirão a mesma política. “Não aumentar as tarifas públicas foi uma posição adotada pelo governo para ajudar no combate à inflação”, disse o ministro. “Mas hoje essa política tornou insustentável a administração dessas empresas.”

Em Recife, onde se encontrava ontem para a posse do novo presidente da Cia. Hidrelétrica do São Francisco (Chesf), o presidente da Eletrobrás, Mário Behring, disse que está aguardando para os próximos dias a decisão do ministro da Fazenda sobre o aumento das tarifas elétricas. A Eletrobrás alega uma defasagem de 100% e quer um reajuste de, no mínimo, 50%.